O PARADOXO DA PERFECTIBILIDADE SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM SEGUNDO OS PRESSUPOSTOS ROUSSEAUNIANOS

THE PARADOX OF PERFECTIBILITY ON THE FORMATION OF MAN ACCORDING TO ASSUMPTIONS ROUSSEAUIANS

Cleudio Marques Ferreira[1]

Resumo:
Este texto tem o intuito de refletir os fundamentos teóricos rousseaunianos da perfectibilidade por meio da qual o homem livre decidiu em certo momento sair da sua condicionalidade, idêntico à natureza, e passar a ser incondicionado a ela e também a ser indivíduo a querer com tal reivindicar a sua superioridade. Se por um lado isto o conduz a liberdade; de outro, leva-o ao caos social, ou seja, a um pessimismo social que só pode ser reconstituído, segundo os pressupostos do filósofo, a partir de um processo de formação que tenha como *telos* a educação do homem. É justamente esse princípio formativo que prioriza o próprio homem constituirá a análise de discussão e problematização deste trabalho.

Palavras-chave: formação, perfectibilidade, homem, liberdade.

Abstract:
This text is intended to reflect the theoretical foundations of perfectibility rousseauians through which the free man decided at one point out of its conditionality, identical to nature, and become unconditioned to it and also the individual to want to be with such claim their superiority. If on one hand this leads to freedom, on the other, it leads to social chaos, ie a social pessimism that can only be reconstituted according to the assumptions of the philosopher, from a training process that has as its telos education of man. It is this formative principle that prioritizes the

[1] Mestre em Filosofia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente no Departamento de Educação da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

man himself will be the analysis of discussion and questioning of this work.
Key-words training, perfectibility, man, freedom.

INTRODUÇÃO

A partir dos fundamentos teóricos rousseaunianos da perfectibilidade por meio da qual o homem livre decidiu em certo momento sair da sua condicionalidade, idêntico à natureza, e passar a ser incondicionado a ela e também a ser indivíduo a querer com tal reivindicar a sua superioridade, pretendemos neste trabalho, mediante, uma abordagem qualitativo-bibliográfica das obras "Discurso sobre a origem e a desigualdade entre os homens" e "Emílio ou da Educação", problematizar o paradoxo da perfectibilidade como momento de deformação e formação do homem no processo histórico.

Portanto, nosso objetivo se epitoma em compreender o itinerário de formação desde o homem natural, em que ele encontra vinculado umbilicalmente à natureza, sendo esta formadora de seus costumes, até o momento da sua incondicionalidade, em que ele a supera e a domestica para satisfazer primeiramente suas necessidades e depois o seu egoísmo, rompendo definitivamente com a lei que brota do seu coração, que é a piedade. Porém não deforma o coração, pois posteriormente, segundo Rousseau, há o resgate da sensibilidade mediante a educação e também a transformação dos valores que possibilitarão a convivência do homem em sociedade.

O MOMENTO DA DEFORMAÇÃO DO HOMEM

A partir da compreensão dos fundamentos teóricos roussenianos, sabe-se que foi por meio da *perfectibilidade* que os homens se distinguiram de todos os outros animais. Livres e com uso de seu espírito, decidiram num certo momento histórico sair de sua condicionalidade, idêntico à natureza, e passarem a ser incondicionados a ela, e também adquirir rudimentarmente sua consciência de individualidade, separando homem e indivíduo, a querer, com isso, reivindicar a sua superioridade tanto em relação à natureza e entre eles. Como diz Rousseau no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens:*

> A natureza comanda todos os animais e o animal obedece. O homem sofre a mesma influência, mas se re-

> conhece livre para ceder ou resistir; é sobretudo na consciência dessa liberdade que aprece a espiritualidade de sua alma, pois a Física explica de certo modo o mecanismo dos sentidos e a formação das idéias, mas na força de querer, ou melhor, de escolher e no sentimento dessa força se encontra apenas atos puramente espirituais." (1989, p. 6l-62).

Vê-se a liberdade humana mediar a sua decisão e, hoje, a rememorizar esse desenvolvimento; nota-se a raiz da negação da negação como princípio de formação do ethos rousseauniano. Isso é perceptível ao entender o paradoxo da *perfectibilidade, e o sentido da natureza interna e externa* em relação ao homem, pois nesse processo há uma oposição externa entre ele e a natureza para o seu desenvolvimento, tal como, uma interna na superação de seus limites. Se em um determinado momento, mesmo que seja hipotético, o homem imaginado por Rousseau fosse feliz, pois a natureza interna vivia em sintonia com a externa, aos poucos, este princípio está sendo demolido com a *perfectibilidade* que faz parte da natureza humana.

Na condição primeira, o homem não necessitava de nenhuma ajuda, bastava a si mesmo. A formação natural oferecia os elementos suficientes para ele viver harmonicamente no seu habitat. Desse modo, havia a simetria entre ele e a natureza, que não realizava gratuitamente como muitos pensam, existiam limites nessa relação; quem os impunha era a natureza. Mesmo sendo imperceptível, porque ela é pura, sua força controlava todo o movimento, sobretudo do homem. No entanto, não era coercitiva; ela era libertária, tendo em vista que ao fazer o homem experiencia suas dores e prazeres, por isso, ele tomava, embora rudimentarmente, consciência de sua fraqueza e potencialidade, de uma parte; de outra, podia conhecer melhor a natureza e impulsionar o desenvolvimento de sua potência.

Neste processo, notam-se os primeiros passos da raiz da negação da negação como princípio de formação do homem, pois ao fazer a experiência de limites entre ele e a natureza, conhece-se e retorna a si mesmo e, aos poucos, começa a modificar a sua estrutura interna da sensibilidade e do pensar para, posteriormente, realizá-la externamente. A partir desse momento, que conhece tanto a si quanto o seu meio, ele não utiliza mais somente as suas mãos para conseguir algo, mas também busca fabricar utensílios para satisfazer suas necessidades; isso sem colocar, por demais, em risco a própria vida para garantir o seu sustento.

Esse pequeno passo de transformação dos objetos para facilitar a sua vida é emblemático no processo de negação da negação para a formação dos princípios do *ethos*, pois a gênese desse momento formativo será o alicerce da construção de certos princípios que nortearão a vida do homem. O homem, paulatinamente, constitui-se no formar e formar-se, muda o modo de se relacionar com a natureza; dá outro sentido ao objeto. Mesmo solitário, começa a preencher o seu ser e o espaço com as próprias mãos, pois elas estão, até agora, em consonância com o pulsar do coração; e quando houver a dissonância, há o desencantamento, porque quebra-se por completo a harmonia do belo cosmos natural e humano.

É este paradoxo da perfectibilidade que permeia o processo de formação do homem natural, como fala nosso autor: "É ela que, com o tempo, tira-o dessa condição originária, na qual viveria dias tranquilos e inocentes; é ela que, com o passar dos séculos, faz desabrochar seu saber e seus erros, seus vícios e suas virtudes, quem afinal, o faz tirano de si mesmo e da natureza". (ROUSSEAU, 1989, p. 61).

Nesse sentido, a cada instante, o encantamento das construções desse conhecimento o seduz e o afasta de si. Ou seja, tudo que antes era natural, idêntico a ele forma uma fissura e o espelhamento dele com ela, a natureza, e faz as rachaduras até perder a translucidez da espontaneidade dessa relação. Isso é gestado, sobretudo, com a escolha da sua proximidade em relação ao outro, ou seja, a formação da convivência em grupo. Essa atitude é o início do rompimento definitivo do relacionar respeitoso entre ambos. O homem deixa seu isolamento do qual fazia parte de sua essência e passa, mesmo que incipiente, para o convívio social. As diferenças que alhures existiam entre si não eram percebidas e não havia nenhum julgamento de valor, cabendo a cada um se bastar, e quando existia desejo de alimentação, repouso e sexo, satisfaziam-se. Agora, com o nascimento da associação entre eles, as diferenças naturais são notadas e julgadas, e cada um deseja o reconhecimento do outro; e isso sendo generalizado, surge à comparação e, posteriormente, a inveja. Fruto que manchará o homem com desespero da existência.

Eis, aí, a situação do homem. Se, de um lado, a *perfectibilidade* impelia para o desenvolvimento, gerando a mudança tanto dele quanto da natureza, não se pode negar que houve momentos de transformações positivas; uma delas é quando o homem, no uso de

sua liberdade, faz, sobretudo, a revolução em sua morada mediante o trabalho, modificando seu habitat natural plasmando um outro projetado pelo seu repensar, visto que outras necessidades surgiram por este novo contexto de relacionamento. Esta atitude é o símbolo da verdadeira transformação de seus costumes. E tal reviravolta não permanece somente nas coisas, pois vão além dos objetos e desenvolver a separação entre homem e o indivíduo e, principalmente, quando o homem desenvolve a linguagem.

Antes, havia o meio de se comunicar por gesto, e este era mais verdadeiro, pois a dissimulação não ocorria. Agora, utiliza-se a fala, o que não deixa de ser um avanço, no entanto, pode também ser a formação do atraso. Se o gesto era a expressão natural e impedia o mascaramento entre o sentido e a comunicação, já a fala pode mudar por completo essa relação. Exemplificando, alguém pode pensar alguma coisa e comunicar outra totalmente diferente. Nota-se, com isso, o artificialismo e a ardilosidade no meio dos homens, como diz Rousseau:

> Quaisquer que sejam essa origem, vê-se, pelo menos, no pouco cuidado que tomou a natureza em aproximar os homens por necessidades mútuas e facilitar-lhes o uso da palavra, o quanto preparou pouco sua sociabilidade e quão pequena foi sua contribuição em tudo que eles fizeram para criar esses laços. (...) Sei que nos repetem incessantemente que nada foi tão miserável quando o homem neste estado (1989, p. 71).

Não há somente dissimulação nesta relação; o pior acontece quando o homem deixa de adquirir o aprendizado que, antes, era com a natureza e passa, agora, a efetivar por si mesmo. O formar e formar-se mediado pela natureza são esvaziados e a relação em associação ocupa o seu lugar, levando consigo os vícios de sua educação. Com isso, quebra os princípios e valores que, anteriormente, norteavam e asseguravam a existência humana. Diante dessa nova realidade, até mesmo a própria natureza humana passa por modificação. Há um desencontro do homem com ele mesmo. Perde o seu *ser* e surge no lugar o *parecer.* O não Ser assume a essencialidade, desmonta-se o princípio da piedade, lei gestada pelo coração do homem em que o colocava no lugar daquele que sofre. Sem este fundamento, todo o processo de desenvolvimento é marcado a partir deste momento pelo egoísmo. Com-

preende-se, assim, a crítica que Rousseau (1989, p.57) faz à sua época, quando ele afirma: "Se ela (natureza) nos destinou a sermos sãos, ouso afirmar que o estado de reflexão é contrário à natureza e que o homem que medita é um animal corrompido".

Será que a reflexão pode ser tão má? Ou seria melhor conhecer primeiro de qual a reflexão Rousseau está falando? Talvez, para isso seja melhor entender que a *perfectibilidade* e a liberdade poderiam tê-lo conduzido por um outro caminho. Infelizmente, no entanto, a opção por um modo de relacionar com a natureza levou-o para o pior, mas isto foi uma decisão do próprio homem. Entender que a reflexão desenvolvida no processo de interação do homem com a natureza não foi de respeito, de complementaridade, mas sim de independência, de incondicionalidade a ela.

Daí, então, reflexão do desenvolvimento do seu trabalho foi de domesticá-la e submetê-la a satisfazer a sua ambição. Foi mediante esta atitude que homem congelou o seu coração e petrificou seu espírito e triturou a sua natureza e perdeu-se no artificialismo. Quebrou-se o elo de equilíbrio do mosaico que existia e o ligava à natureza pelo amor de si. Agora, tem-se o amor- próprio, não para garantir a sua individualidade, mas para satisfazer seu desejo insaciável que se transforma em mal infinito.

Penso ser essa a reflexão da qual Rousseau faz duras críticas, pois ela conduz o homem a possuir uma atitude pior que de todos os animais. A sede pela ambição perde-se no *ter* e para realizar este desejo ele se nega enquanto natureza; e como é insaciável este querer, deforma-se, e, cada vez mais, entra no processo de desconhecimento de si e da natureza. Não a reconhece mais como a primeira mãe que a nutriu com a seiva da vida em sua completude. Ou seja, com a brisa, com a sinfonia dos ventos, com o quadro estrelado das noites e com o colorido das flores durante o dia. Mas também fê-lo passar por dissabores para aprender lidar com as dificuldades, como também lhe despertou o desejo de conhecê-la, provocando o conhecimento em si. Mesmo, assim, o homem agarrado à vontade de sempre ter mais, cegou seus sentimentos de piedade e de comiseração, tornou diferente a sua natureza de sua natureza primeira. Imbuído nas disputas de seus interesses e para satisfazê-los não mede as consequências: se for necessário o derramamento de sangue como foi para demarcar o surgimento da propriedade, agúa com ele o chão para fincar as estacas. Como diz Rousseau (1989, p. 98):

> Assim foi que os mais poderosos ou os mais miseráveis, fazendo de suas forças ou de suas necessidades uma espécie de direito aos bens alheios, equivalentes, segundo eles, ao de propriedade, a igualdade desfeita seguiu-se a mais terrível desordem; assim, foi que as usurpações dos ricos, sufocando a piedade natural e a voz ainda fraca da justiça, tornaram os homens avaros, ambiciosos e maus. Erguia-se entre o direito do mais forte e o direito do primeiro ocupante um conflito permanente que só terminava por meio de combates e de assassinatos. A sociedade em formação foi substituída pelo o mais horrível estado de guerra.

É deste modo que surge a ideia de civilidade, o que, talvez seja o maior paradoxo que a história já registrou. Como assegurá-la destruindo vidas? Este seria símbolo do desenvolvimento de uma formação perversa. Não há mais respeito à vida. De um lado, aqueles que pensam tudo poder realizar, são os possuidores; de outro, os despossuídos que nada podem. Não há possibilidade de existir relação respeitosa entre os homens na formação dessa sociedade, pois os possuidores pretendem a todo custo transformar os despossuídos em subservientes. Querem alienar a liberdade destes a daqueles.

Assim, os despossuídos se submetem à vontade dos possuidores que querem assegurar a usurpação da propriedade sem serem incomodados. Por mais que tenha havido resistência, e até mesmo conflito entre as partes, no entanto, os possuidores acabaram vencedores, não por convencimento, mas sim porque alguns despossuídos, contaminados pelo espírito da ambição, ficaram satisfeitos com as migalhas que caíram da mesa dos possuidores.

Com isso, estes transformaram aqueles em escudos de seus interesses. De posse do direito da propriedade e com a aliança com alguns grupos de despossuídos, os proprietários passam ser o senhor; enquanto aqueles destituídos da posse e da liberdade e sem a natureza selvagem indomesticável, submetem-se, agora, quase espontaneamente, a subserviência de seu senhor, idênticos a escravos. É o cume da desigualdade entre os homens. Confirma o autor:

> De sorte que, assim como para estabelecer a escravidão foi necessário violentar a natureza, foi necessário transformá-la para perpetuar esse direito, e os jurisconsultos, que solenemente pronunciaram que o filho de um escravo nasceria escravo, decidiram, em

outros termos, que um homem não nasceria homem.(ROUSSEAU, 1989, p. 107).

Vê-se, agora, atônito a condição de miserabilidade que chegou o homem. Mesmo neste momento e com esta condição, nenhum princípio ético existe para garantir a vida, até mesmo daqueles que pensam possuir a propriedade. Ledo engano, na verdade, encontra-se na mais terrível insegurança, pois, a qualquer momento pode ocorrer a revolta dos escravos e a avançar sobre eles. Certos dessa possibilidade, os senhores pretendem submeter os escravos à tirania das leis que, por sua vez, legitima a desigualdade. Sendo assim, perde-se por completo o respeito ao outro, porque a lei regida nesse estágio de relação não é imparcial, ela é fruto da ilegitimidade de um poder tirano. Com isso, não há legitimidade de poder, só existe arbitrariedade do mando, e para sustentar-se realiza verdadeira carnificina. Perdidos nos vícios da barbárie, os senhores querem, a qualquer custo, manter o seu poder.

Se só isso não bastasse, o homem perdeu também a sua própria natureza, e se esqueceu da naturalidade ao se relacionar consigo e com a outra natureza. Inaugura-se o artificialismo. A *perfectibilidade* e a liberdade conduzidas por uma razão perversa desmoronaram a raiz da negação da negação do princípio de formação que havia no homem natural. Agora, só lhe resta, neste turbilhão de conflitos, encontrar um novo caminho da (trans)formação de si. Se a espontaneidade foi deformada e o artificialismo é quase natural, então a relação entre os homens é fundamentalmente dissimulada.

Diante desses valores, o homem nunca sabe quem é o seu verdadeiro ou falso amigo. A incerteza da relação e ela sendo alicerçada no interesse, cada um procura arrancar do outro até sua alma se for possível. Não existe o sentimento de piedade, nem de compaixão em relação ao outro. Só há o interesse. O seu amigo deste momento pode-se transformar no seu verdadeiro inimigo amanhã, portanto, após ter realizado o seu interesse, deve rapidamente descartá-lo sem sentimento de dor. Caso não aja assim, ele o poderá destruir. Isso demarca um verdadeiro estado de guerra tanto explicita quanto implícita.

A frieza da ação por interesse fez o homem calculista. Embora saiba de tudo isso, ele, homem, continua a se relacionar com o outro. Como pode isso ocorre? Que estágio de mediocridade encontra tais relações? Isso é fruto da perfectibilidade da qual fala Rousseau?

Se, assim for, o filósofo já possuía uma sensibilidade intelectual de seu tempo para perceber que um foco das luzes do Iluminismo quebrava o equilíbrio entre o sentimento a razão, o que levaria o homem viver uma situação insuportável. No entanto, agora, só lhe falta encontrar as condições para resgatar as possibilidades de viver em sociedade, pois voltar ao estado natural é impossível. Talvez, o caminho mais seguro a tomar seja o da *educação,* pois quem sabe nem tudo está perdido, como assinala Strarobisnki (1991, p. 30) em *Jean-Jacque Rousseau, a transparência e o obstáculo:*

> É entre as *mãos* do homem, e não em seu *coração*, que tudo degenera. Suas mãos trabalham, mudam a natureza, fazem a história, ordenam o mundo exterior e produzem, com o tempo, a diferença entre as épocas, a luta entre os povos, a desigualdade entre os "particulares" (...) O homem *não* é naturalmente vicioso; *tornou-se* vicioso. O retorno ao bem coincide, então, com a revolta contra a história, e, em particular, contra a situação história atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E A POSSIBILIDADE DA FORMAÇÃO A PARTIR DA PERFECTIBILIDADE

Nesse sentido, pode-se notar uma réstia de luz na educação, nem tudo está perdido. O homem, após fazer a experiência da *perfectibilidade* destrutiva, pode então tomar outra e reconstituir o seu ser mediante a arte de educar. Este caminho não será fácil, pois terá que quebrar as estrutura de argamassa de cimento e ferro que estão cristalizados em torno de sua alma. Mas com seu desespero dele diante da vida, não há outra solução: ou ele enfrenta a si mesmo para sair desse lamaçal que se encontra, ou, em pouco tempo, celebra o seu fim.

Com o intuito de conhecer a saída apontada pelo próprio Rousseau na sua obra *O Emilio ou da Educação*, deve-se problematizar a natureza do homem vinculado à educação. Que natureza é essa? Será que a *physis* da concepção dos gregos ou o *dáimon* socrático? Ou ao falar de natureza em Rousseau, entendem-se as duas naturezas tanto a do homem quanto a da origem de todas as coisas?

Para responder a tais questionamentos, é preciso levar em consideração que, para o filósofo, é a natureza a responsável pela nossa educação e tudo que somos vem da nossa formação. Por conseguinte, o ho-

mem é fruto do trabalho da arte de educar que procura a *perfectibilidade*, todavia permanece sempre inacabada. Quem será o primeiro modelo do educando? É a própria natureza, porque ela não é ardilosa, é pura e também translúcida para impor limites na sensibilidade humana para formar tanto o físico como o espírito do homem. Segundo Rousseau:

> Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação. Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas.o desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação.(1979, p.10-11)

Se é assim, poder-se-ia encontrar em Rousseau caminhos que apontem para ruptura da educação com o tecnicismo e a representatividade que marcam nosso período histórico e, ainda, perceber nesse processo a raiz da negação da negação para formação do *ethos* rousseauniano, pois todos os princípios que temos, como afirma Rousseau, é fruto da nossa educação. Portanto, só ela poderia no crepuscular de um novo raiar de sol luzir uma geração inovadora que possa plasmar os fragmentos do ser humano para reconstituí-lo um novo mosaico que embelezaria e preencheria de gozo a convivência humana.

REFERÊNCIAS

BOTO, C. *A escola do homem novo*: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1996.

ROUSSEAU, J.J. *Do Contrato Social, Ensaio sobre a Origem das línguas, Discurso sobre a origem e a desigualdade entre os homens e Discurso sobre as ciências e as artes*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

_____. *Emilio ou da Educação*. Tradução. Sérgio Milliet. 3 ed. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979.

_____. *Discurso sobre a Origem e a Desigualdade entre os Homens*. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo. Tradução de Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.